

CURSO DE ENFERMAGEM

Aline Ellwanger

**O USO DE AGROTÓXICOS POR PRODUTORES DE TABACO E AS FORMAS DE
CUIDADO EM SAÚDE**

Santa Cruz do Sul
2018

Aline Ellwanger

**O USO DE AGROTÓXICOS POR PRODUTORES DE TABACO E AS FORMAS DE
CUIDADO EM SAÚDE**

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito parcial para aprovação na disciplina.

Orientadora: Profª Enfª Ms Drª Anelise Miritz Borges

Santa Cruz do Sul
2018

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM E ODONTOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2018

**O USO DE AGROTÓXICOS POR PRODUTORES DE TABACO E AS FORMAS DE
CUIDADO EM SAÚDE**

ALINE ELLWANGER

Esta monografia foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de Enfermeiro.

Foi aprovada em sua versão final, em 07 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Enfª Ms Drª Anelise Miritz Borges

UNISC

Profª Enfª Ms Drª Vera Costa Somavilla

UNISC

Profª Enfª Ms Ingre Paz

UNISC

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Adaptação do mapa distrital de Candelária para apresentação da ordem de realização das entrevistas, 2018/2	24
Gráfico 1 –	Nível de escolaridade dos produtores de tabaco do município de Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2	30
Quadro 1 –	Equipamentos de proteção individual utilizados pelos produtores de tabaco no manejo de agrotóxicos, do município de Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2	33
Gráfico 2 –	Tempo de exposição aos agrotóxicos por produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2	39
Gráfico 3 –	Tempo de exposição aos agrotóxicos por familiares de produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2	41
Gráfico 4 –	Serviços de saúde utilizados pelos produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Dados referente à fumicultura na microrregião 12 pertencente ao Rio Grande do Sul em 2017	20
Tabela 2 –	Relação da ordem dos locais para conduzir a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul	22
Tabela 3 –	Relação da ordem reorganizada por indicação dos locais onde foi conduzida a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul	23
Tabela 4 –	Relação da ordem reorganizada por indicação dos locais onde foi conduzida a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAT	Comunicação de Acidentes de Trabalho
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
MR	Microrregião
NR	Norma regulamentadora
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SIH/SUS	Sistema de Informações Hospitalares - Morbidade Hospitalar do SUS
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SINTOX	Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
VSPEA	Vigilância em saúde de populações expostas à agrotóxicos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA	11
3 OBJETIVOS	13
3.1 Objetivo geral	13
3.2 Objetivos específicos	13
4 REFERENCIAL TEÓRICO	14
4.1 Tabaco: um histórico de como o cultivo gera a renda familiar	14
4.2 Tipos de tabaco e o cultivo no Rio Grande do Sul	15
4.3 Tabaco e agrotóxicos: cuidados à saúde	16
4.4 O cultivo de tabaco e a atuação da enfermagem	17
5 METODOLOGIA	19
5.1 Tipo de pesquisa	19
5.2 Procedimentos	19
5.3 Local da pesquisa	21
5.4 Participantes do estudo	25
5.5 Instrumento para coleta de dados	27
5.6 Análise dos dados	27
5.7 Preceitos éticos	28
6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
6.1 Perfil dos agricultores de tabaco de Candelária	29
6.2 Agrotóxicos: porque usar e como se proteger	31
6.3 Agrotóxico: orientações recebidas e dúvidas	34
6.4 Como cuidar da saúde mediante a um perigo em potencial	38
6.5 Formas de cuidado em saúde ambiental e humana	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – Instrumento para coleta de dados	53
APÊNDICE B – Folder ilustrativo disponibilizado para os agricultores participantes da pesquisa	55
ANEXO A - Carta de aceite	56
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	57
ANEXO C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	59

RESUMO

Introdução: Quanto mais o enfermeiro conhecer como se encontra a saúde dos agricultores que cultivam tabaco, maior a intensificação de ações em saúde, logo entende-se que esta pesquisa contribuirá para a reflexão sobre as formas de cuidado em saúde frente à temática. **Objetivo:** Compreender como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente ao cultivo de tabaco com agrotóxico. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritiva, conduzida no município de Candelária, situado no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. A coleta de dados foi realizada com três agricultores por distrito, totalizando seis distritos na cidade, ou seja, 18 participantes. Foram realizadas entrevistas, por meio de um questionário semiestruturado, gravado e aplicado individualmente. A Análise de dados foi fundamentada pela Análise de Conteúdo por temas. **Resultados:** Os entrevistados foram em maioria do sexo masculino, com ensino fundamental incompleto, gostavam de cultivar tabaco e trabalhavam no mínimo há doze anos neste cultivo. Eles sabiam da necessidade de aplicação de agrotóxicos no cultivo do tabaco e da importância da utilização de EPIs, todavia não se sentiam confortáveis no uso de todos, o que os levava a utilizá-los parcialmente ou até mesmo não os usar. Diante disso, o sintoma mais frequente após a aplicação de agrotóxicos foi a cefaleia e a unidade básica de saúde de referência na cidade, foi a mais procurada. Havia a preocupação do uso de agrotóxicos perante à poluição ambiental, porém não descartavam a possibilidade de utilizá-lo. **Conclusão:** É notável que os cuidados em saúde dos agricultores são importantes, contudo o uso dos EPIs ainda era realizado conforme eles julgavam necessário. Desta forma, é necessário que ocorram novas pesquisas e também sensibilizações com vistas a ampliar o entendimento sobre os efeitos nocivos aos seres humanos e ao meio ambiente. Estar próximo desta realidade dos agricultores é uma oportunidade para o enfermeiro compreender melhor as formas de cuidados em saúde.

Descritores: Enfermagem; Agrotóxicos; Saúde do Trabalhador; Tabaco; Trabalhadores Rurais.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil produz tabaco com uma qualidade que atinge os padrões internacionais, fato que o mantém como maior exportador e segundo maior produtor mundial (SINDITABACO, 2017). De acordo com Silveira (2015), ser o segundo maior produtor de tabaco no mundo, possui relação com a alta produtividade de fumo pela região Sul do país. Desde o plantio até a comercialização, o trabalho é realizado em âmbito familiar e o uso de equipamentos corresponde à qualidade exigida em nível mundial.

Segundo a Afubra (2018), foram 150.127 famílias que trabalharam na safra 2016/2017, no cultivo do tabaco no Sul do Brasil, onde 298.530 hectares foram plantados e 705.930 toneladas foram produzidas.

A região do Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul (RS), tem como principal fonte de renda, a agricultura, cujo plantio de tabaco é o que predomina, tornando o crescimento econômico da região, algo notável (BASSAN, SIEDENBERG, 2003).

Contudo, apesar de haver uma forte relação da produção de tabaco com a rentabilidade econômica, há também a relação com os potenciais agravos à saúde dos produtores de tabaco, geralmente associado com as intoxicações por agrotóxicos. Decorrente disto, alguns sintomas se apresentam clinicamente, podendo haver complicações a curto ou a longo prazo, o que também pode estar associado a não utilização de equipamentos de segurança ou ao mau uso dos mesmos (CARGNIN et al., 2016).

A Norma Regulamentadora (NR) nº 31 revela que os trabalhadores rurais que estão expostos diretamente ao uso de agrotóxicos, devem receber capacitação de no mínimo 20 horas, sobre os seguintes temas: Formas de exposição, sinais e sintomas, primeiros socorros mediante intoxicação, sinalização de local com agrotóxicos, métodos de higiene, utilização de equipamentos de proteção e a manutenção destes equipamentos (BRASIL, 2013).

Logo, as temáticas expostas acima, indicam a importância do manejo correto da produção de tabaco de forma consciente e cautelosa, haja visto que, conforme Riquinho e Hennington (2014), o contrário pode gerar sérias consequências à saúde dos produtores, que ao envolverem a família, sobrecarregam os seus próprios familiares quando um deles adocece. Não obstante, o trabalho com o fumo é árduo

do início ao fim da colheita, e muitas vezes, representa a principal fonte de renda destes agricultores.

Para Cargnin et al. (2016), diminuir a absorção de nicotina no organismo humano, e proteger os produtores de tabaco quanto à contaminação por agrotóxicos é essencial, entretanto a equipe de enfermagem necessita conhecer as formas de cuidado em saúde dos agricultores, para poder ajuda-los, têm-se assim, tanto a prevenção como a manutenção da saúde como ações em saúde.

Acredita-se que quanto mais a enfermagem conhecer como se encontra a saúde dos agricultores que cultivam tabaco, maior a intensificação de ações contextualizadas e por isso, voltadas à realidade.

A NR 31 afirma que a equipe de enfermagem deve estar envolvida em algumas ações em prol da saúde do trabalhador, promovendo a melhoria das condições e do meio ambiente de trabalho, a promoção da saúde e da integridade física dos trabalhadores rurais e campanhas educativas de prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho (BRASIL, 2013).

Entretanto, após observar que esta classe de trabalhadores rurais, possui riscos de adquirir problemas de saúde relacionado à sua atividade laboral, surgiu a ideia de se submeter a um estudo que possibilitasse ver qual são os cuidados que estes trabalhadores têm mediante ao cultivo de tabaco e a sua saúde, sendo que quando estão trabalhando, estão sendo expostos diretamente e indiretamente à agrotóxicos. A temática pode despertar grande interesse na pesquisadora por se tratar de sua cidade de origem, e por ter conhecimento que há uma grande carência de informações prestadas aos fumicultores sobre os riscos que estão sendo expostos.

Logo, podemos dizer que esta pesquisa pode ser de grande importância para as famílias que nesta cidade residem, pelo fato de ali não haver pesquisas recentes sobre o assunto, além de muitas famílias utilizarem o cultivo de tabaco como fonte de renda, tendo em vista a importância desta temática, podemos nos questionar: Como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente a utilização de agrotóxicos no cultivo de tabaco?

2 JUSTIFICATIVA

A manifestação de adoecimentos diante do cultivo de tabaco com agrotóxicos é continuamente referida em pesquisas, o que está comumente relacionado com a falta de autocuidado e por vezes, até de conhecimento dos agricultores. A não utilização correta dos equipamentos de proteção e a falta de higiene, podem contribuir para a absorção dos produtos químicos por via inalatória, cutânea e oral, levando a possíveis quadros de intoxicação a curto ou a longo prazo (CARGNIN, ECHER e SILVA, 2017).

Em Candelária, cidade que fora realizada a pesquisa, entre os anos de 2016/2017 foram 3.450 famílias envolvidas no cultivo de tabaco, o que representa a primeira cidade da Microregião 12, a possuir o maior número de famílias produtoras de tabaco, seguido de Agudo (AFUBRA, 2017). Fato que estimulou a conduzir a pesquisa, pois além de envolver toda a família no cultivo e manuseio, todas utilizavam agrotóxicos para obterem sucesso nas colheitas (AFUBRA, 2018).

O uso de agrotóxicos pode contribuir para prejuízos à saúde mesmo quando as doses forem mínimas, porque os efeitos podem não ser visíveis, mas ao longo do tempo, ocorre a acumulação deste produto no organismo, provocando significativas alterações, inclusive doenças (BRASIL, 2015).

[...] doenças como câncer, Parkinson, Alzheimer, depressão, anorexia, insônia, diversas formas de demência, e alterações hormonais que levam a redução da libido, disfunção erétil, alterações na qualidade dos espermatozoides e abortos (BRASIL, 2015, p. 15).

Ascari, Scheid, Kessler (2012) referem que são necessárias pesquisas que envolvem o cultivo do tabaco e a utilização de agrotóxicos para a sociedade, buscando desta forma, uma maior conscientização sobre os riscos que estão sendo expostos, o que pode reduzir os agravos à saúde do ser humano e a diminuição dos impactos ao meio ambiente.

Conforme Bochner (2015), notificações de óbito por intoxicação de agrotóxicos não são registradas devidamente, o que dificulta os estudos na área, pois a investigação frente as condições de trabalho dos produtores, bem como a

realização de exames periódicos que constataam a intoxicação por agrotóxicos, ainda estão aquém do esperado.

Neste caso, é importante que os profissionais de saúde, dentre eles o enfermeiro, mantenha-se atualizado sobre os cuidados devidos a saúde dos agricultores, tanto na promoção e manutenção da saúde, como na prevenção de doenças. Intervenções em saúde são fundamentais, no intuito de atuar na educação em saúde, orientando os fumicultores sobre as doenças que podem ser adquiridas e sinais e sintomas relacionados (CARGNIN; ECHER; SILVA, 2017). Pois, muitas vezes as manifestações em saúde decorrentes do uso de agrotóxicos são confundidas ou até mesmo negligenciadas pelos próprios trabalhadores.

Então a enfermagem necessita estar devidamente preparada para poder compreender a relação tênue que existe entre este usuário que irá ser assistido pelo serviço de saúde e a profissão que desempenha, pois ao direcionar ao cultivo de tabaco, o processo de saúde doença tende a ser explicado muitas vezes, pela atividade laboral.

Logo, conhecer como estes agricultores entendem o cuidado em saúde durante o desempenho de seu trabalho é algo que desperta interesse, pois assim, a enfermagem permite se aproximar do produtor, a fim de diminuir os riscos à saúde e promover saúde com um enfoque coletivo, envolvendo toda a família.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Compreender como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente ao cultivo de tabaco com agrotóxico.

3.2 Objetivos específicos

Disponibilizar aos fumicultores, participantes desta pesquisa, mediante folder ilustrativo e explicativo, as principais formas de cuidado em saúde relacionadas ao uso de agrotóxicos, bem como as manifestações sintomáticas frente à esta atividade laboral.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Tabaco: um histórico de como o cultivo gera a renda familiar

Proveniente dos Andes Bolivianos, o tabaco é uma planta que foi utilizada por tribos indígenas de diversas formas, desde o século XV, tanto para reuniões religiosas como fitoterápico, contudo ao longo dos anos, a sua forma de consumo passou a ser modificada. Destaca-se que o tabaco surgiu no Brasil por intermédio desta população, e foi a partir do século XVII, que o tabaco se tornou um produto comercial, cujo Brasil teve destaque na produção, adquirindo um número consideravelmente grande de exportações neste período (SINDITABACO, 2017).

Desde então, o Brasil teve um crescimento na produção de tabaco, onde recentemente alcançou a segunda posição de maior produtor mundial de tabaco em folha e o principal exportador do produto, tendo em vista que o tabaco cultivado no País, principalmente na região Sul, possui altos índices de qualidade. O clima e o ambiente são favoráveis para o cultivo, além de instalações de multinacionais que estão focadas na qualidade do produto e investem em tecnologia para cada vez mais aperfeiçoar a produção (SILVEIRA; DORNELLES; FERRARI, 2012).

Apesar de haver muitas evoluções tecnológicas no cultivo do tabaco ao longo dos anos, o cultivo é um trabalho manual, que geralmente é realizado pela mão de obra familiar, se tornando essencial para manter os níveis de qualidade que são exigidos pela empresa que contrata os serviços. Ou seja, a empresa financia os gastos do produtor para o cultivo da planta, para o produtor posteriormente vender o produto final a ela (SILVEIRA, 2015).

Ainda conforme Silveira (2015), o Sul do Brasil possui 700 municípios que utilizam do cultivo de tabaco, uma fonte de renda, onde cerca de 180 mil famílias trabalham desde o plantio à venda desta folha. A Região Sul do País é composta por três Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, destes o Rio Grande do Sul lidera o ranking de maior produtor de tabaco em folha. Por este motivo, houve a instalação de empresas especializadas desde o cultivo à compra do produto, estas empresas estão instaladas em sua maioria na região de Santa Cruz do Sul e proximidades, por ser uma região com grande área de tabaco cultivada (REDIN; MENEZES, 2014).

Tendo em vista que a cultura do tabaco é realizada mediante mão de obra familiar, tem-se em conta que é dito como uma estratégia geradora de auto sustento e riquezas ao agricultor, pelo fato de não precisar contratar serviços de outras pessoas para realizar as tarefas necessárias, valorizando também o trabalho familiar no campo (SILVEIRA, 2014).

4.2 Tipos de tabaco e o cultivo no Rio Grande do Sul

Segundo a Souza Cruz (2017), o tabaco se diferencia em diversas variedades cultivadas, que necessitam atender demandas de mercado interno e externo, além de exigir algumas características como o clima favorável para o cultivo. Estas prioridades visam a qualidade do produto final, o que gera o sustento de várias famílias. São cinco as qualidades diferentes de tabaco cultivadas no Brasil, o Burley, Virgínia, Comum, Dark e Maryland, cada variedade possui um processo de cura (secagem da folha) diferenciado.

Para a Souza Cruz (2017), as variedades Burley e Comum, possuem um processo semelhante de cura, que se caracteriza por ser mais lento, onde ficam cerca de 40 dias suspensos em condição natural, sua cor deve ficar em tons de marrom escuro à marrom claro. O Virgínia possui o seu processo de cura mais rápido, leva cerca de quatro a cinco dias, porém deve ser realizado mediante estufa, com controle de temperatura e umidade, sua cor varia de amarelo vivo a tons de laranja e mogno. O Dark possui um processo de cura natural, porém sua cor deve ser marrom escura e esse tipo de tabaco possui um grande percentual de nicotina a mais que os outros tipos. O Maryland, seu processo de cura é lento, feito naturalmente, sua cor deve ser marrom claro ao escuro e seu diferencial é suas folhas que são mais finas que os outros.

Para o Sinditabaco (2017), há dois grupos específicos de tabaco mais cultivados na região Sul do País, o tabaco de galpão, também conhecido como Burley e o tabaco de estufa conhecido como Virgínia. O tabaco de galpão corresponde à 15% do total produzido e possuem sua tonalidade escura ideal para a venda, seu processo de cura é lento. O tabaco de estufa, corresponde à 85% do total produzido e sua tonalidade ideal é as folhas claras, seu processo de cura é rápido, leva em torno de cinco a sete dias.

O Rio Grande do Sul lidera o ranking de maior produtor de tabaco em folha do Brasil, onde a cultura é realizada por mão de obra familiar e se estende durante o ano todo. Este processo se dá em torno das grandes indústrias fumageiras que se localizam principalmente nas regiões do Vale do Rio Pardo, Centro Sul e Sul do Estado, nove municípios são responsáveis por 38% da produção do estado e produzem 10.000 toneladas por ano, se destacando como o segundo produto mais exportado em 2016 no Estado (RIO GRANDE DO SUL, 2016).

4.3 Tabaco e agrotóxicos: cuidados à saúde

Acidentes de trabalho acontecem no meio rural e no caso do cultivo de tabaco, os trabalhadores estão expostos diariamente à vários fatores prejudiciais, principalmente aos agrotóxicos e a sua rotina desgastante de trabalho. Pois não há horário delimitado para trabalhar, assim como, muitas vezes o retorno financeiro não é muito gratificante, porém se tornou uma atividade que mantém várias famílias no interior, principalmente por estes trabalhadores possuírem um baixo nível de escolaridade (NUNES, 2010).

Doenças crônicas, agudas, abortos e até mesmo a morte podem ser consequências que o uso incorreto de agrotóxicos pode causar na saúde das pessoas que estão expostas. Estes trabalhadores geralmente têm contato direto com os agrotóxicos, pelo fato de acessar e manusear a plantação que recebeu o produto tóxico, sem considerar o tempo necessário para o seu retorno à lavoura (LONDRES, 2011). Outrora, também há a falta de identificação das lavouras que recebem a aplicação dos agrotóxicos, contribuindo para o aumento do risco de intoxicação por vizinhos ou até mesmo, integrantes da família do próprio agricultor.

Para o cultivo de tabaco são utilizados produtos com alta toxicidade, comumente conhecidos por agrotóxicos, os quais são classificados na classe toxicológica I e II, sendo considerados tóxicos e altamente tóxicos, devido a aplicação destes produtos no tabaco durante o cultivo. Logo, há necessidade do produtor utilizar Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para diminuir a absorção e a exposição deste produto, porém a inutilização destes equipamentos, faz com que aconteça as intoxicações por agrotóxicos. Os principais problemas relatados pelos produtores são que as roupas e os equipamentos causam desconforto, pois se tornam muito quentes, quando estão expostos ao sol em dias ardentes, além de se

tornarem, para muitos agricultores, um custo a mais para gerar o produto final (NUNES, 2010).

A NR 31 afirma que todos os trabalhadores que manuseiam agrotóxicos devem utilizar medidas de proteção individual, sendo elas: Chapéu ou outra proteção contra o sol e chuva, protetores impermeáveis e resistentes para trabalhos com produtos químicos, óculos contra a ação de líquidos agressivos, luvas e mangas de proteção, botas impermeáveis e antiderrapantes e aventais (BRASIL, 2013).

Tendo em vista os altos índices de intoxicação por agrotóxicos no cultivo do tabaco, muitos agricultores referem apresentar alguns sintomas como: mal-estar, fraqueza, náuseas e vômitos, também referem que não se sentem confortáveis trabalhando com os equipamentos de proteção (SILVA et al., 2013).

Outro aspecto relevante indicado pelos autores acima citados, está relacionado com a referência de falta de capacitações sobre a devida utilização dos EPIs, tornando-se este, um problema de saúde. A maioria dos fumicultores entrevistados respondeu que uma forma de cuidar da saúde é utilizar os equipamentos, mas este é fragmentado, ou seja, usam algum tipo de EPI, mas não o conjunto completo. Não obstante, esta conduta possui relação com a autoconfiança do fumicultor, devido a sua experiência com a produção do fumo.

Assim, o aumento do consumo de agrotóxicos no Brasil se constitui uma grande preocupação, pois a busca por recordes de produção e, principalmente, de exportação de produtos agrícolas caminha ainda com as grandes deficiências na rotulagem dos agrotóxicos e com uma falta de uma linguagem mais clara e acessível àqueles que os manejam (STOPPELLI; MAGALHÃES, 2005).

4.4 O cultivo de tabaco e a atuação da enfermagem

Segundo Brasil (2018), a exposição à agrotóxicos tornou-se um grande problema de saúde pública, no qual a vigilância em saúde de populações expostas à agrotóxicos (VSPEA) veio a se tornar útil para a prevenção e redução de riscos à saúde desta população. Contudo, para que os dados referentes a este assunto sejam fidedignos, é extremamente necessário que os profissionais de saúde adotem estratégias de cuidado desde o diagnóstico, o tratamento e as notificações dos casos existentes. De forma a manter o registro e o controle do impacto do cultivo do

tabaco com agrotóxico, um meio para avaliar os seus efeitos na saúde humana e ambiental.

Um profissional que necessita conhecer e se inserir tanto no suporte educativo, como nas notificações é o enfermeiro atuante na atenção primária em saúde, pois com o suporte da equipe, pode tanto corresponder as necessidades individuais como domiciliares do agricultor produtor de tabaco, alertando-o para a importância de cuidar de sua saúde e de sua família (SILVA et al., 2013).

Para haver um sistema de informações atualizado frente às notificações referidas, os profissionais da saúde necessitam saber como proceder quando ocorrer um caso de intoxicação por agrotóxicos, neste caso os principais registros de intoxicação por agrotóxicos são realizados nos seguintes sistemas: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas registros de intoxicações obtidos (SINTOX), Comunicação de Acidentes de Trabalho (CAT) e Sistema de Informações Hospitalares - Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS) (FARIA; FASSA; FACCHINI, 2007).

É na atenção primária em saúde, que as ações de prevenção, promoção e recuperação da saúde, bem como notificações dos casos de intoxicação causadas por agrotóxicos, necessitam ocorrer. Porém nem todas as unidades conseguem atender a população exposta ou potencialmente exposta à agrotóxicos (BRASIL, 2017).

Por se tratar de um trabalho manual, os produtores de tabaco ao longo de sua vida, apresentam problemas relacionados à saúde, tais como lombalgias, sinais e sintomas de depressão leve, que podem ter relação com a exposição aos agrotóxicos. Tais efeitos tendem a aumentar o risco do produtor de tabaco a adoecer, o que demanda a necessidade de haver profissionais de enfermagem e uma equipe multiprofissional, focada na educação em saúde destes trabalhadores, priorizando a prevenção de agravos relacionados a esta atividade laboral (CARGNIN et al., 2016).

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritiva, onde Gerhardt; Souza (2009), afirmam que a maior preocupação da pesquisa qualitativa é o entendimento aprofundado do estudo de um grupo de pessoas, e não de resultados numéricos, no qual se entende uma metodologia própria e única.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (CÓRDULA, 2015, p. 32).

Já os estudos exploratórios, se caracterizam por investigar um problema de pesquisa que ainda não tenha sido estudado, com vistas a descobrir fenômenos, ou elucidar determinado tema que tenha poucas inferências. E, os estudos descritivos, são aqueles que expõe as características, o detalhamento dos dados pesquisados (PEROVANO, 2016).

5.2 Procedimentos

Para compreender a disposição do número de agricultores que cultivam tabaco em Candelária, foram realizadas visitas aos departamentos que possivelmente iriam dispor de dados para objetivar a pesquisa. Assim, primeiramente se recorreu ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Candelária, cujo responsável pelo setor de produtores de tabaco, revelou que não possuíam dados atuais referente à pesquisa, porém indicou recorrer à Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA). Neste local, ao conversar com o coordenador, ele disponibilizou dados referentes à safra 2016/2017, e indicou uma pessoa responsável pelo setor de estatísticas de Santa Cruz do Sul, que teria dados exatos de toda a região.

Logo, ao contatar o Engenheiro Agrônomo responsável pelo setor de estatística da AFUBRA, este disponibilizou dados referentes à safra 2016/2017 de tabaco de Candelária e região (Tabela 1), sendo possível verificar que Candelária tem o maior

número de famílias produtoras de tabaco, frente aos 31 municípios vinculados à Microrregião 12 (MR 12).

O referido engenheiro, destacou que, Candelária pertencia anteriormente à MR 1, vinculada à Santa Cruz do Sul, contudo, com o crescimento da área plantada de tabaco nas regiões que abrangem Candelária, Cachoeira do Sul, Santa Maria, São Pedro do Sul e arredores, foi necessário desmembrar estes municípios e vinculá-los à MR 12. Salienta-se que cada microrregião foi aberta conforme a demanda de associados com a Afubra, totalizando 17 microrregiões nos três estados (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná).

Tabela 1 – Dados referente à fumicultura na microrregião 12 pertencente ao Rio Grande do Sul em 2017

FUMICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL							
Safrá: 2016/17							
MUNICÍPIOS	MR	FAMÍLIAS Produtoras	Nº DE Estufas	HECTARES PLANTADOS			
				VA	BY	CO	TOTAL
Agudo	12	2.043	2.563	3.644,6	100,8	0,0	3.745,4
Caçapava do Sul	12	8	6	16,1	0,0	0,0	16,1
Cachoeira do Sul	12	254	364	444,9	0,0	0,0	444,9
Candelária	12	3.450	5.084	6.405,0	12,7	1,4	6.419,1
Cerro Branco	12	784	1.032	1.255,2	0,0	0,0	1.255,2
Dilermando de Aguiar	12	4	6	10,0	0,0	0,0	10,0
Dona Francisca	12	228	15	18,6	378,7	1,4	398,6
Faxinal do Soturno	12	160	13	31,2	248,2	5,4	284,8
Formigueiro	12	26	32	55,9	0,0	0,0	55,9
Ivorá	12	145	0	1,5	180,1	4,7	186,3
Jaguarí	12	795	336	698,3	938,5	21,2	1.658,0
Jarí	12	203	0	0,0	283,8	1,1	284,9
Júlio de Castilhos	12	25	3	1,5	33,2	0,0	34,7
Mata	12	452	6	6,5	817,9	7,6	832,0
Nova Esperança do Sul	12	49	6	11,9	61,1	2,3	75,3
Nova Palma	12	389	3	6,1	505,6	12,1	523,9
Novo Cabrais	12	572	818	1.007,5	2,1	0,0	1.009,7
Paraiso do Sul	12	1.160	1.579	2.234,6	2,8	0,0	2.237,4
Pinhal Grande	12	407	0	0,0	551,7	4,2	555,9
Quevedos	12	66	0	0,0	85,2	0,0	85,2
Restinga Seca	12	333	418	839,9	1,7	0,0	841,6
Santa Maria	12	39	40	66,6	0,0	0,0	66,6
Santiago	12	125	77	123,3	91,8	2,1	217,2
São Francisco de Assis	12	755	18	29,1	939,1	19,3	987,5
São João do Polésine	12	4	0	0,0	7,7	0,0	7,7
São Martinho da Serra	12	1	0	0,0	0,9	0,0	0,9
São Pedro do Sul	12	218	13	13,8	225,3	10,6	249,7
São Vicente do Sul	12	1	3	3,8	0,0	0,0	3,8
Silveira Martins	12	3	0	0,0	2,8	0,0	2,8
Toropí	12	331	0	1,5	510,9	2,9	515,3
Unistalda	12	1	1	1,9	0,0	0,0	1,9

Fonte: Afubra

Também foi contatada a Emater de Candelária, onde foi referido que o suporte aos agricultores é geral, não havendo a produção de tabaco sem o uso de agrotóxicos e que não possuem dados disponíveis para a obtenção deste detalhamento solicitados, a não ser os dados da AFUBRA. O Sinditabaco de Santa Cruz do Sul, mediante telefone, relatou não possuir nenhum dado sobre a temática.

Munida de alguns dados, acima descritos, buscou-se então recorrer à Unidade Básica de Saúde denominada PAM central, em Candelária, em detrimento a pesquisa envolver a saúde dos agricultores. No qual foi possível obter, com a enfermeira responsável, as notificações de intoxicações por tabaco de 2016 até os dias atuais, totalizando apenas quatro notificações. Segundo a enfermeira, os números reais devem ser maiores, porém nem todos os profissionais realizam as notificações.

Mesmo obtendo apenas quatro notificações, avaliou-se que elas representavam dois distritos de Candelária, que possuíam maior extensão territorial. Sendo então, estes escolhidos pela pesquisadora, para iniciar o processo de coleta de dados.

Salienta-se ainda que, para atender ao objetivo específico, realizou-se um folder (Apêndice B), o qual será entregue aos fumicultores após o término da pesquisa e sugestões da banca.

5.3 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada no município de Candelária, situado no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, e possui 30.171 habitantes (IBGE, 2017). A escolha desta cidade se fez devido ao número de famílias envolvidas no cultivo de tabaco com uso de agrotóxicos, possuindo um destaque para a microrregião 12, cuja cidade pertence e representa o maior número de famílias, 3.450 famílias (AFUBRA, 2017).

De posse destas informações, buscou-se entender como a porção rural da cidade se constitui, a qual é organizada por distritos, sendo então necessário recorrer à Prefeitura Municipal de Candelária, que indicou entrar no site da prefeitura e acessar o link “Plano Diretor” e baixar o arquivo Divisão distrital, cuja versão atual é de 2013. Este dispõe de um mapa contemplando a área rural e a área urbana do município, sendo distribuído em distritos e localidades, totalizando seis distritos, os quais são: Distrito Sede, Distrito de Vila Botucaraí, Distrito de Linha Brasil, Distrito de

Vila União, Distrito de Pinheiro e Distrito de Linha do Rio, perfazendo 57 localidades dispostas nestes distritos (Figura 1).

Para iniciar o processo de coleta optou-se pelos dois distritos que apresentaram notificações por intoxicação no uso de agrotóxicos, ou seja, distrito de Pinheiro e distrito Sede. Logo, foi definido que a ordem de realização da coleta de dados (Tabela 2) foi determinada pela realização de um sorteio entre estes dois distritos, seguido dos demais quatro, o que prevê a seguinte ação:

Tabela 2 – Relação da ordem dos locais para conduzir a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul

Nome do distrito	Ordem de pesquisa
Distrito de Pinheiro	1°
Distrito Sede	2°
Distrito de Vila União	3°
Distrito de Linha Brasil	4°
Distrito de Vila Botucaraí	5°
Distrito de Linha do Rio	6°

Fonte: Elaborado pela autora.

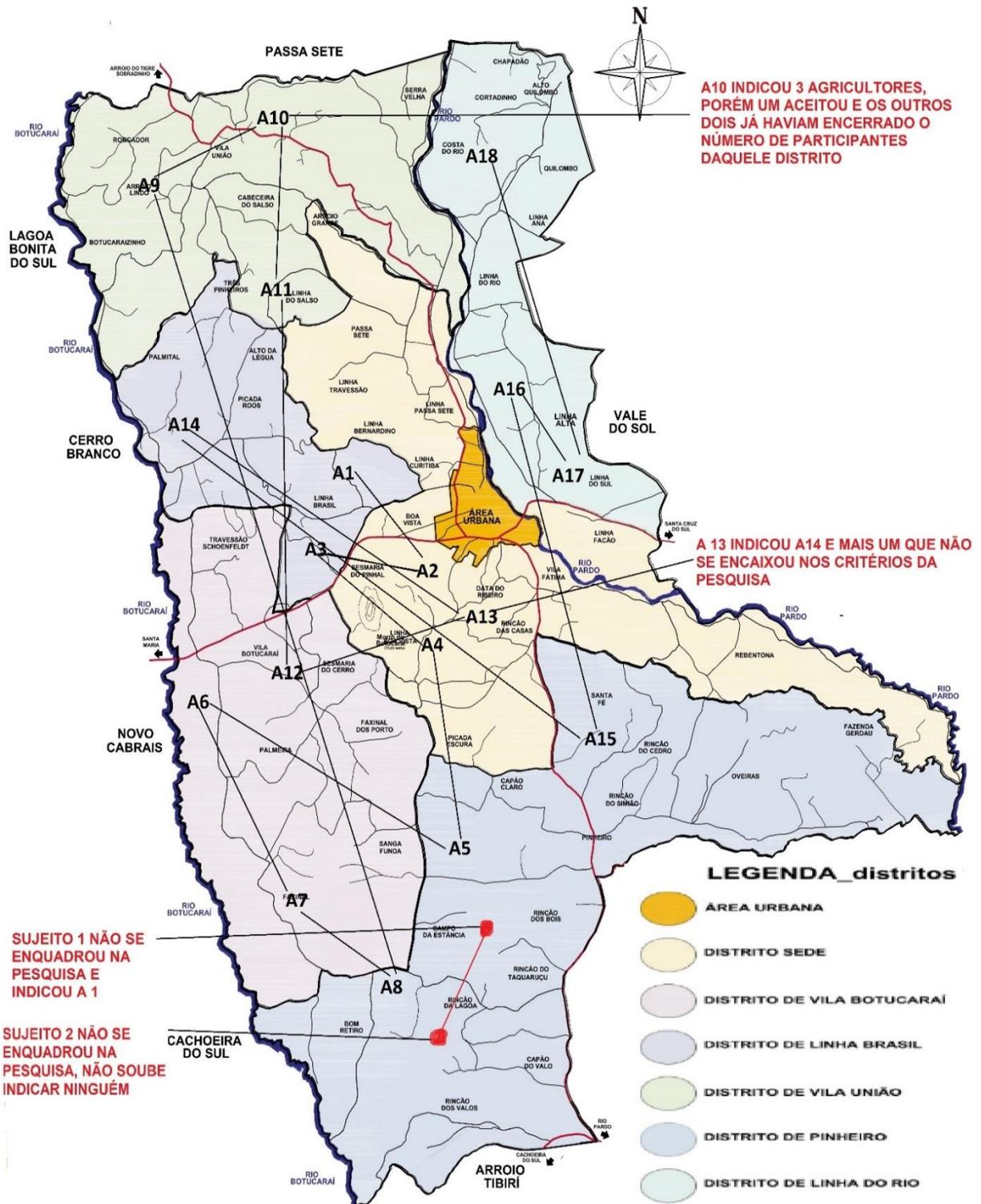
Após contato com os primeiros entrevistados, foi percebido que houve um equívoco no preenchimento das notificações, pois estas pessoas tiveram intoxicação por agrotóxicos, porém no cultivo de soja e não de tabaco. Neste contexto, por apresentarem intoxicação, entendeu-se que eles poderiam ser àqueles que indicariam informantes chave. Assim, foi solicitado que estes agricultores indicassem fumicultores que tiveram algum sintoma de intoxicação por agrotóxico para prosseguir com a pesquisa, sendo reformulada a ordem de entrevista (Tabela 3).

Tabela 3 – Relação da ordem reorganizada por indicação dos locais onde foi conduzida a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul

Nome do distrito	Ordem de pesquisa
Distrito de Linha Brasil	1°
Distrito Sede	2°
Distrito de Pinheiro	3°
Distrito de Vila Botucaraí	4°
Distrito de Vila União	5°
Distrito de Linha do Rio	6°

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 1 – Adaptação do mapa distrital de Candelária para apresentação da ordem de realização das entrevistas, 2018/2



Fonte: MARTIN, R. Divisão distrital. Candelária. 07 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.candelaria.rs.gov.br/cliente/leis/distrital.jpg>> Acesso em: 29 mai. 2018.

Nota: A letra A corresponde a inicial de Agricultor, seguido dos numerais que indicam a ordem da abordagem.

5.4 Participantes do estudo

Para delimitar os participantes da pesquisa, que pertenciam aos seis distritos já mencionados acima, optou-se por uma amostra a partir de informantes chaves, sob o método bola de neve.

Segundo Vinuto (2014), para ser realizada a pesquisa com amostragem em forma de bola de neve se dá necessário o uso de informantes-chaves, os quais são selecionados mediante indicação e dispõem de um perfil necessário para a pesquisa, sendo assim estes informantes propiciam ao pesquisador os contatos e as referências para iniciar a pesquisa.

Justifica-se então, que a escolha pelo método se deu devido à dificuldade em obter os dados que expressassem numericamente, a quantidade de agricultores que produzem tabaco com agrotóxicos em Candelária.

Logo, idealizou-se que a coleta de dados fosse feita com três agricultores por distrito, número este, definido a partir da disponibilidade da pesquisadora, de acordo com o tempo e a distância para conduzir a pesquisa, totalizando 18 participantes.

Assim, se iniciou a coleta com a definição, dos seguintes critérios de inclusão:

- Ser adulto, maior de 20 anos de idade e menor de 60 anos;
- Trabalhar no cultivo de tabaco com uso de agrotóxico em sua propriedade;
- Trabalhar no cultivo de tabaco há pelo menos dois anos;
- Não ser gestante;
- Pertencer a um dos seis distritos;
- Ser um representante da família ou da propriedade.

Os critérios de pesquisa levaram em conta o caso de que se não houvesse a adesão de um agricultor indicado, se recorresse ao próximo, solicitando-se a ele um informante chave, que atendesse aos critérios já apresentados. E assim, se conduziu sucessivamente, buscando obter em cada distrito, três participantes, respeitando sempre a escolha do primeiro informante chave indicado. Conforme os critérios da pesquisa, foi seguida a ordem de agricultores que foram indicados (Tabela 4), identificados pela inicial "A" referente à Agricultor, seguido da ordem de entrevistas expressa pelo número da sequência. Exemplo: A1.

Tabela 4 – Relação da ordem reorganizada por indicação dos locais onde foi conduzida a pesquisa, no segundo semestre de 2018, em Candelária, Rio Grande do Sul

Nome do distrito	Ordem de pesquisa
Distrito de Linha Brasil	A1, A3, A14
Distrito Sede	A2, A4, A13
Distrito de Pinheiro	A5, A8, A15
Distrito de Vila Botucaraí	A6, A7, A12
Distrito de Vila União	A9, A10, A11
Distrito de Linha do Rio	A16, A17, A18

Fonte: Elaborado pela autora.

Frente a tabela 4, pode-se observar a sequência que foi aplicada a pesquisa, a qual é complementada pela figura 1, que apresenta o caminho no processo de coleta de dados, junto aos informantes chaves.

5.5 Instrumento para coleta de dados

Foi aplicada uma entrevista semiestruturada, individualmente, gravada que foi conduzida na propriedade do agricultor, local este, livre da exposição de agrotóxicos no momento da coleta de dados.

Entende-se por entrevista semiestruturada, aquela composta de um questionário que disponibiliza questões em formas abertas e fechadas, onde o entrevistado pode optar em ter respostas já disponibilizadas no questionário e também, dispor suas próprias alternativas como respostas (PEROVANO, 2016).

As questões do instrumento (APÊNCIDE A) foram elaboradas sobre o tema da pesquisa, e os dias de realização das entrevistas foram previamente agendados com os participantes e conduzidas pela discente conforme a disponibilidade dos agricultores.

5.6 Análise dos dados

Todos os dados obtidos mediante a aplicação do questionário semiestruturado e as gravações realizadas no momento da entrevista, foram digitados e reorganizados no *Microsoft Word 2013*.

A análise destes dados obtidos se fez a partir da análise de conteúdo por temas, referenciado por Bardin (2016), que contempla três momentos diferentes. No primeiro momento foi realizada a pré-análise, no qual se denomina a fase de organização do plano de análise desta pesquisa, operacionalizando e sistematizando as ideias de um momento inicial.

A organização dos resultados denominada “*corpus*” foi essencial, onde pode-se construir tabelas, para haver um melhor entendimento dos resultados, o que exigiu a minúcia para não haver erro, e os próximos passos fossem mais fáceis de serem aplicados.

O segundo momento da análise consistiu da exploração do material, no qual se buscou quantificar os dados, categoriza-los e codifica-los. Já o terceiro momento, a interpretação, no qual foram calculadas as percentagens e as frequências dos dados obtidos e os organizando em temas para a distribuição dos resultados/conteúdo, considerando assim, todas as variáveis.

5.7 Preceitos éticos

A pesquisa foi encaminhada à prefeitura municipal de Candelária, especificadamente ao secretário de Agricultura, o qual autorizou por meio da carta de aceite, a realização da pesquisa neste município.

Após, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNISC, (ANEXO C), e diante, de sua aprovação, sob o protocolo nº 2.834.680, conduzido o contato e agendamento das entrevistas com os primeiros informantes chaves, para o seguimento da pesquisa.

Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte do entrevistado (ANEXO B), sendo disponibilizada uma via para o mesmo e outra para a pesquisadora, conforme preconiza a resolução 466/2012, que regulamenta os estudos realizados em seres humanos.

Destaca-se que, alguns desconfortos poderiam acontecer decorrentes da pesquisa, como a possibilidade do sujeito pesquisado se sentir constrangido em responder alguns questionamentos sobre o seu trabalho, ou ter que abrir mão do seu trabalho para responder a pesquisa.

Por outro lado, como benefícios futuros para a área da agricultura, buscou-se disponibilizar aos fumicultores, participantes desta pesquisa, folder ilustrativo e explicativo, contendo as principais formas de cuidado em saúde relacionadas ao uso de agrotóxicos, bem como as manifestações sintomáticas frente à esta atividade laboral, mantendo sempre o anonimato dos participantes.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na pesquisa foram apresentados por meio de temas, conforme proposto por Bardin (2016) na análise de conteúdo, logo, tem-se: Perfil dos agricultores de tabaco de Candelária (variáveis 1-4); Agrotóxicos: porque usar e como se proteger (variáveis 5-7); Agrotóxico: orientações recebidas e dúvidas (variáveis 8-9 e 16); Como cuidar da saúde mediante a um perigo em potencial (variáveis 10-13); Formas de cuidado em saúde ambiental e humana (variáveis 14 e 15).

6.1 Perfil dos agricultores de tabaco de Candelária

A pesquisa foi conduzida com 18 agricultores pertencentes aos seis distritos do município, no qual obteve-se apenas uma agricultora, a qual atuava desde jovem no cultivo do tabaco, quando tinha seis anos de idade.

Foram quatro participantes que iniciaram a vida no cultivo de fumo antes dos 14 anos, logo, pode-se verificar que a média de idade dos participantes incidiu entre 40 anos, com mínima de 25 e máxima de 58 anos. E ainda, que a média de anos dedicados ao manejo do tabaco foi de 24,5 anos, o que demonstra ser uma população adulta, em que muitos iniciaram cedo o seu trabalho na lavoura, o que reforça a importância de conhecer o processo de trabalho para assim, contribuir no cuidado da saúde.

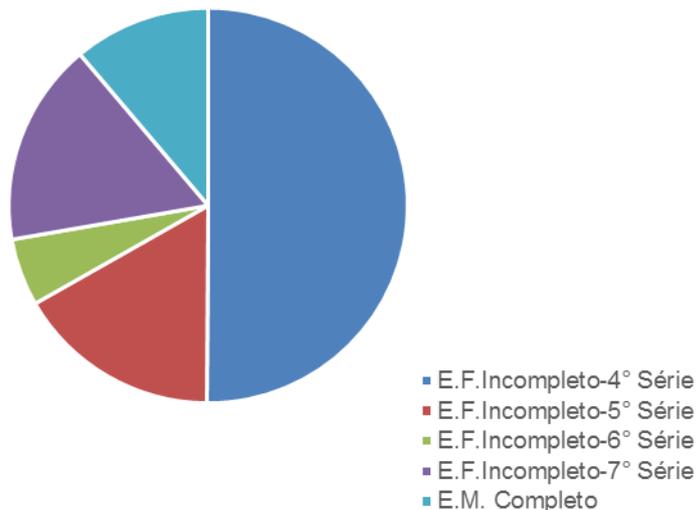
Conforme o Estatuto da Criança e Adolescente (2017), o artigo 60 enfatiza a proibição de trabalho para menores de 14 anos de idade, ressalvando a condição de jovem aprendiz, o que não se enquadra de forma alguma ao trabalho na fumicultura (BRASIL, 1990).

Os autores De Paula e Klanovicz (2015) afirmam que o trabalho infantil no cultivo de tabaco se tornou um grande problema no Brasil, por se tratar de um trabalho familiar, passado de geração para geração, contribuindo para manter a família envolvida no mesmo objetivo de vida e também, exposta aos riscos importantes para a sua saúde. Assim, quando o jovem se torna adulto, já entende o processo de trabalho, mesmo que muitas vezes, ocorra a interferência no futuro

deste adolescente, como a diminuição da frequência escolar, devido ao apoio em certos períodos do cultivo.

Nesta perspectiva, constata-se que a escolaridade é um fator muito importante para a vida destes agricultores, sendo possível avaliar a maior frequência do ensino fundamental incompleto, cuja metade deles, referiu ter estudado até o quarto ano, obtendo-se apenas dois com ensino médio completo (Gráfico 1). Para Schoenhals, Follador e Silva (2009) ser agricultor e ter baixa escolaridade é um grave problema, devido à dificuldade na interpretação dos receituários e as indevidas formas de utilização e aplicação dos agrotóxicos, pois eles podem até saber ler, mas apresentam dificuldades ao identificar os termos técnicos em um vocabulário mais formal.

Gráfico 1- Nível de escolaridade dos produtores de tabaco do município de Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo diante deste cenário, a maioria dos agricultores referiu que gosta de cultivar tabaco devido a fumicultura ser a única fonte de renda no interior, além de muitas famílias possuírem terra própria, por entenderem ser uma oportunidade para cuidar e cultivar algo que é seu, além de representar uma renda suficiente para o agricultor sobreviver.

Em contrapartida, apenas cinco agricultores manifestaram-se contrários, justificando que não gostavam de desempenhar este trabalho, sendo estimulados

pela família a trabalhar neste cultivo. O que é muito penoso segundo eles, pois é cansativo/forçado, tanto no momento de colheita, como na colocação de agrotóxicos, contudo, ressaltaram ser a única ação que dá lucro no interior. O que pode ser visualizado nas falas a seguir:

“[...] porque é ruim de colher, de pôr veneno, é muito forçado.” (A2, 47 anos, DS).

“[...] até que não é muito bom, mas, é o que a gente tem que fazer né, é a única coisa que dá lucro.” (A11, 48 anos, DVU).

“Não, mas fazer o que né, não tem outra coisa pra ganhar dinheiro”. (A17, 37 anos, DLR).

É necessário perceber que há um histórico familiar envolvido no cultivo do tabaco, trata-se de uma fonte de renda que passa de geração para geração, e o agricultor acaba se envolvendo neste trabalho desde criança, o que o faz pensar que por se tratar de um trabalho digno é a única forma de sustento familiar, fazendo com que se torne rotina o cultivo do tabaco (RODRIGUES; STADLER; XAVIER, 2016).

Diante das falas pode-se observar que mesmo havendo contrariedade entre o gostar e o não gostar de cultivar tabaco, todos os participantes utilizavam agrotóxicos, o que instiga a saber como manejam com estes produtos.

6.2 Agrotóxicos: porque usar e como se proteger

Ao refletir sobre o uso de agrotóxicos, verifica-se uma relação com o surgimento de problemas de saúde versus a falta de adesão ao uso de EPIs, pois os fumicultores entrevistados possuíam uma média de 25 anos envolvidos no cultivo de tabaco com agrotóxicos, sendo a mínima de 12 e a máxima de 48 anos utilizando agrotóxicos na lavoura.

Murakami et al. (2017) revelam que quanto mais tempo envolvido com agrotóxicos, maior o potencial para desenvolver patologias nos sistemas neurológico, renal, hepático, imunológico, respiratório e endócrino, podendo adquirir também doenças cancerígenas.

Quando questionados referente à necessidade da utilização de agrotóxicos neste cultivo, todos responderam que era necessária, argumentando que sem a aplicação de agrotóxicos não era possível produzir tabaco, havendo o crescimento desenfreado de ervas daninhas, insetos e moluscos que prejudicavam o desempenho da lavoura. O que pode ser identificado nas falas abaixo:

“[...] não tem como manter a lavoura limpa se não usar veneno.” (A5, 35 ANOS, DP)

“[...] porque sem agrotóxicos nada se colhe [tabaco].” (A7, 40 ANOS, DVB)

“[...] senão não tem como colher fumo, a força vai toda para o inço e não para o fumo”. (A18, 40 anos, DLR).

De acordo com Brasil (2012) o agrotóxico é utilizado no cultivo do tabaco com a finalidade de exterminar pragas e matos que prejudicam o desenvolvimento do tabaco e permitir que as folhas tenham uma qualidade superior no momento da venda, o que amplia o ganho na safra, promovendo uma maior receita ao produtor, porém maiores problemas à sua saúde.

Mediante a este contexto, quando indagados sobre o uso de EPIs durante a aplicação de agrotóxicos e quais equipamentos utilizavam, a maioria dos agricultores respondeu que usavam equipamentos de proteção, apenas seis deles referiram que não o fazem. Fato que demonstra o quanto à ausência dos EPIs pode prejudicar a saúde.

Conforme Cargnin, Echer e Silva (2017) os equipamentos que são mais utilizados para a proteção do agricultor na aplicação dos agrotóxicos são o avental, a máscara, a luva, o macacão, a bota e a viseira ou óculos protetor, porém eles não são utilizados ao mesmo tempo, variando conforme a exposição e a proteção.

No quadro 1, a seguir, pode-se verificar quais os EPI os entrevistados utilizavam, com destaque às botas de borracha e às calças, devido haver uma preocupação maior com a proteção da porção inferior do corpo. Outro aspecto é que apenas um agricultor utilizava todos os EPIs recomendados para o preparo e aplicação de agrotóxicos, sendo que os demais alternavam o uso entre os equipamentos, como se pode observar nas falas:

“[...] o kit inteiro, eu não uso máscara por causa dos óculos, o EPI completo é da fumageira.” (A14, 55 anos, DLB)

“[...] pouca coisa, porque a roupa da firma é quente, daí uso bota e calça.” (A18, 40 anos, DLR)

“O EPI completo: roupa, camisa, bota e calça, luva, às vezes, tudo depende do veneno”. (A7, 40 anos, DVB)

Ainda é possível perceber que a utilização dos EPIs variava de acordo com a temperatura e o tipo de agrotóxico a ser utilizado, havendo apenas dois participantes que afirmaram que não utilizavam nenhum tipo de equipamento de proteção.

“Não, nenhum, de pé descalço mesmo”. (A8, 34 anos, DP)

“Não, de chinelo, camiseta e bermuda”. (A17, 37 anos, DLR)

No cultivo do tabaco, quando o agricultor manuseia agrotóxicos, necessita escolher e decidir quais equipamentos irá utilizar para a sua proteção, desta forma, compete a ele estar ou não exposto aos fatores de risco, os quais podem gerar sérios danos à saúde humana (MURAKAMI et al., 2017).

Quadro 1- Equipamentos de proteção individual utilizados pelos produtores de tabaco no manejo de agrotóxicos, do município de Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2

Equipamentos de Proteção Individual	Frequência do uso
Bota de Borracha	13
Calça	12
Camisa	10
Luva	8
Máscara	4
Avental	3

Óculos	2
Macacão	1
Touca Árabe	1
Viseira	1

Fonte: Elaborado pela autora.

É preciso destacar que além dos EPIs apresentados no quadro acima, houve a referência de outros equipamentos alguns deles não indicados para o uso dos agrotóxicos, sendo eles: jaqueta (3), bermuda (3), bota de couro (2), chinelo (1) e boné (1).

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), (2014) possui orientações de como aplicar adequadamente os agrotóxicos, sobre o uso de EPIs, os quais devem respeitar sempre a paramentação completa, além do cuidado quanto às pausas de cinco minutos para descanso e alongamentos após 50 minutos de trabalho e aumento da ingestão hídrica.

Logo, conhecer os motivos de uso dos agrotóxicos e dos meios de proteção individual, permite compreender se os agricultores entrevistados se sentem preparados para trabalhar com o cultivo do fumo, o que será descrito no tema a seguir.

6.3 Agrotóxico: orientações recebidas e dúvidas

Referente às orientações sobre a aplicação, o horário correto, as formas e os cuidados durante o manuseio dos agrotóxicos, apenas um entrevistado referiu receber esclarecimentos com o seu pai, os outros obtiveram por meio do orientador agrícola da fumageira a que estão vinculados, ou seja, de onde compram os seus insumos para a lavoura.

As orientações eram realizadas conforme a necessidade do agricultor, diante de dúvidas ou no momento de o orientador realizar a visita na propriedade do fumicultor, o que normalmente era feito anualmente para realizar o pedido da próxima safra.

“Só nos canteiros pelo instrutor, só quando ele vem fazer o pedido que ele dá a orientação de como se bota o veneno”. (A9, 58 anos, DVU).

“Uma vez por ano quando faz o pedido, pelo orientador”. (A10, 42anos, DVU).

Um entrevistado referiu que realizou cursos sobre o assunto, o que pode ser visto na fala: “[...] eu fiz o curso da NR 31, fiz o curso no SENAR [...] com o agrônomo da firma.” (A2, 47 anos, DS).

A NR 31 afirma que todos os agricultores que tenham contato direto ou indireto com agrotóxicos devem participar de capacitações com profissionais que disponibilizem material escrito e audiovisual, com uma linguagem informal para entendimento de todos. O ideal é no mínimo 20 horas de aperfeiçoamento, o que pode ser dividido em cargas horárias menores que oito horas por dia, e conter assuntos referentes às formas de exposição aos agrotóxicos, sinais, sintomas e primeiros socorros em situações de intoxicação, rótulos dos agrotóxicos e formas de proteção, higienização durante e após o manuseio, equipamentos de proteção individual e higienização dos mesmos (BRASIL, 2013). Estas capacitações apenas se tornarão válidas se:

“[...] os programas de capacitação desenvolvidos por órgãos e serviços oficiais de extensão rural, instituições de ensino de nível médio e superior em ciências agrárias e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, entidades sindicais, associações de produtores rurais, cooperativas de produção agropecuária ou florestal e associações de profissionais, desde que obedecidos os critérios estabelecidos por esta norma, garantindo-se a livre escolha de quaisquer destes pelo empregador (BRASIL, 2013, NR 31, pág.10).

Diante disso, as principais recomendações que os agricultores receberam dos orientadores agrícolas foram sobre os cuidados quanto ao uso dos equipamentos de proteção individual, os horários adequados para a aplicação de agrotóxicos, as medidas corretas dos produtos e os cuidados para não poluir o meio ambiente. Respostas expostas abaixo:

“É, ele fala sobre usar os EPI’s, não é pra aplicar nem nos dias muito quentes, nem muito frio, e de preferência não com vento, que também não tem muito proveito”. (A5, 35 anos, DP).

“A forma de vestir, mas isso nós não usamos e a medida certa, outra coisa não, só ele quer que ficamos fardados parecendo um pinguim em pleno mês de janeiro, é que ele não aplica né”. (A13, 39 anos, DS).

“Colocar quando não tem vento e sol quente”. (A16, 30 anos, DLR).

“Cuidados, como lidar, lavar as mãos, não usar na água perto do arroio ou fonte essas coisas”. (A14, 55 anos, DLB).

“Colocar bem cedo de manhã ou bem de tardezinha e não colocar perto dos arroios”. (A18, 40 anos, DLR).

O decreto Nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, afirma que as empresas que comercializam os agrotóxicos para os produtores de tabaco são obrigadas a planejar o recolhimento as embalagens vazias, caso não houver registro do recolhimento devido, o agricultor será penalizado a custear os gastos com a manutenção das providências a serem tomadas (BRASIL, 2000).

No entanto, mesmo havendo legislação que ampare o uso de equipamentos e o uso de determinados agrotóxicos, dois agricultores referiram que receberam orientações, mas estas não eram aderidas.

“Ah muitas, principalmente de tomar cuidado, o que eu não faço, não tomo cuidado nenhum”. (A8, 34 anos, DP).

“Recomendam usar o EPI, mas eu não uso porque é muito quente”. (A3,39 anos, DLB)

Para Zorzetti et al. (2014), muitos fumicultores caracterizam a intoxicação por agrotóxicos apenas quando há internação hospitalar, devido há outros sintomas se tornarem característicos da aplicação ou manuseio de agrotóxicos, ou seja, já são esperados de acontecer.

Santos et al., (2017) enfatizam que o uso de EPIs é obrigatório, porém não são utilizados de forma correta devido aos agricultores afirmarem que se sentem desconfortáveis durante o manuseio dos agrotóxicos e também por utilizarem os

equipamentos de forma parcial devido ao calor excessivo, falta de mobilidade e respiração dificultosa, deixando assim, o agricultor exposto aos agrotóxicos.

Ainda sobre as orientações recebidas e suas dúvidas, os agricultores questionaram sobre as formas para cuidar melhor da sua saúde, cuidados básicos com os agrotóxicos, desde o armazenamento até a sua aplicação. O que mais instigou a pesquisadora foi saber que eles se preocupavam com o motivo do referido produto tóxico fazer mal à saúde humana e por vezes, não apresentar sintomatologia, o que atenuava a responsabilidade em manter os cuidados.

Silva et al. (2013) enfatizam a importância de capacitações pelos enfermeiros das estratégias de saúde da família para fumicultores, podendo esclarecer dúvidas recorrentes à intoxicação por agrotóxicos, o que geralmente pode gerar sintomas como prostração, emêse, náuseas e indisposição para realizar as atividades diárias.

Convém salientar sobre a valorização do agricultor frente à possibilidade de dialogar sobre as suas dúvidas e do quanto almejam a oferta de qualificações, como pode ser visto a seguir:

“Eu acho que conhecimento nunca é demais, eu acho que os cursos que eu fiz foram bem aproveitáveis, o principal a gente aprendeu né”. (A2, 47 anos, DS).

Pensar em continuar no cultivo do tabaco é algo positivo para os agricultores, entretanto a utilização de agrotóxicos é algo que os fazem repensar na ideia, mesmo sabendo dos malefícios que estes produtos trazem para si e para o ambiente, continuam usando, e a maioria sem o uso correto dos equipamentos de proteção.

“Eu acredito assim, que eu acho que se tivesse uma forma do cara não trabalhar mais com o veneno seria bom né, mas se é para plantar o fumo e não usar o fumo não tem como né...” (A3,39 anos, DLB)

Assim, é possível refletir que os agricultores possuem uma consciência de que o uso de agrotóxicos gera perigos, muitas vezes à saúde humana de quem os utiliza, o que requer um olhar frente às formas de cuidado em saúde.

6.4 Como cuidar da saúde mediante a um perigo em potencial

Os agrotóxicos representam um perigo à saúde humana, pois a maioria deles é utilizada no cultivo do tabaco e são classificados como extremamente tóxicos, e o seu uso excessivo pode causar intoxicação aguda e/ou crônica, além de evoluir para câncer (BRASIL, 2018).

Pode-se identificar uma preocupação dos agricultores entrevistados, os quais foram questionados sobre os desconfortos que possivelmente apresentaram/apresentam diante da aplicação de agrotóxicos, obtendo-se 16 respostas com indicação de sinais e sintomas e apenas dois sem nenhum relato de alterações.

Foi possível perceber que destes 16 participantes que referiram desconfortos, as indicações foram de: cefaleia (10), êmese (03), vertigens (03), náusea (03), tremores (02), prostração (02), seguido de inapetência (01), convulsão (01), gastralgia (01), mal humor (01) e irritação ocular (01), o que poderia levar à internação hospitalar (01).

Para Zorzetti et al. (2014), o manuseio de agrotóxicos pode contribuir para a manifestação de vertigens, náuseas, êmese, cefaleia, mal estar e gastralgia. O que demanda muita atenção e não resistência ou tendencialidade ao ser comum pelo agricultor.

Algumas falas referentes aos sinais e sintomas oriundos do manuseio de agrotóxicos podem ser identificadas abaixo:

“[...] dor de cabeça, cansaço, tu passa o dia inteiro o veneno, tu vai chegar em casa de noite com um mal humor, com irritação nos olhos, tu chega em casa e qualquer coisa te incomoda. Isso não existe, se eu te dizer que vou chegar em casa feliz e cantando é porque eu sou um mentiroso. Todas as vezes que coloco os agrotóxicos, até já fui três ou quatro vezes no hospital e fizeram injeção para tirar o veneno do sangue”. (A14,55 anos, DLB).

“[...] me deu convulsão, não sei se foi do fumo molhado ou só do veneno, mas acho que foi do veneno porque fazia poucos dias que eu tinha colocado o veneno do broto” (A7, 40 anos, DVB).

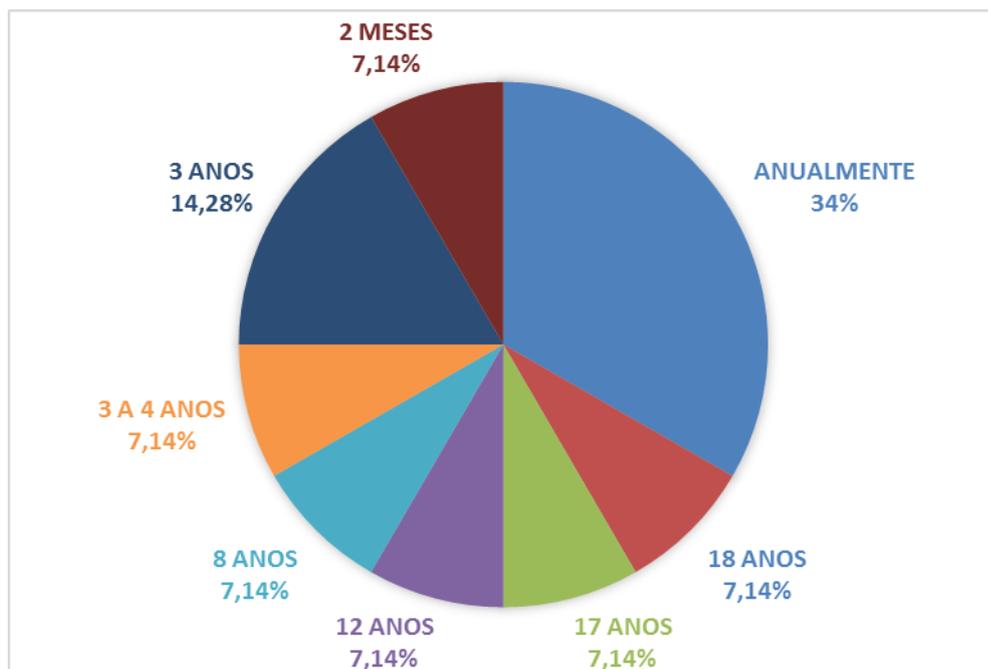
Silva et al. (2013) afirmam que os agricultores adoecem no cultivo do tabaco e possuem o entendimento que os sintomas como, êmese, vertigens, náuseas e cansaço estão relacionados ao manuseio incorreto de agrotóxicos durante toda a safra do tabaco.

O cultivo do tabaco traz consigo, muitas vezes, o adoecimento da família, por se tratar de um trabalho com mão-de-obra familiar, ocorre o envolvimento desde o mais jovem ao mais idoso, por estarem presentes dia-a-dia nos conflitos da família, o que pode gerar momentos de stress durante toda a safra, desde do plantio ao período de cura, pois a qualidade do tabaco interfere diretamente no lucro final do produtor, o que muitas vezes acaba ocasionando períodos de sofrimento (DE CASTRO; MONTEIRO, 2016).

Devido ser um trabalho exaustivo, a fumicultura exige de seu trabalhador esforço físico, mental e exposição a diversos agrotóxicos, o que pode levar ao seu adoecimento (MURAKAMI et al., 2017).

É importante salientar a frequência com que ocorreram esses sintomas nos agricultores, sendo evidenciado que o tempo maior foi de 18 anos e o menor de dois meses, o que pode ser observado no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 - Tempo de exposição aos agrotóxicos por produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se notar no gráfico acima, que a maioria dos entrevistados apresentou algum sintoma anualmente na aplicação de agrotóxicos, seguido de quem sentiu há três anos.

O acúmulo de agrotóxicos no organismo dos agricultores pode impactar diretamente na saúde deles, devido à cronicidade da exposição, o que pode levar à transtornos psiquiátricos, perda auditiva e outras neuropatias (MURAKAMI t al., 2017).

Outro aspecto importante incide no entendimento do agricultor sobre a relação entre adoecer devido ao uso de agrotóxicos, sendo possível constatar que todos acreditavam que havia alguma relação, ou seja, que poderia afetar o sistema nervoso, dependendo da resposta imune de cada um. Também devido ao manuseio do produto em dias muito quentes ou ventosos.

“Sim, eu acho que o agrotóxico afeta o sistema nervoso” (A2, 47 anos, DS).

“[...] Acredito que pode né, mas daí tem que estar muito quente, ou com vento” (A17,37 anos, DLR).

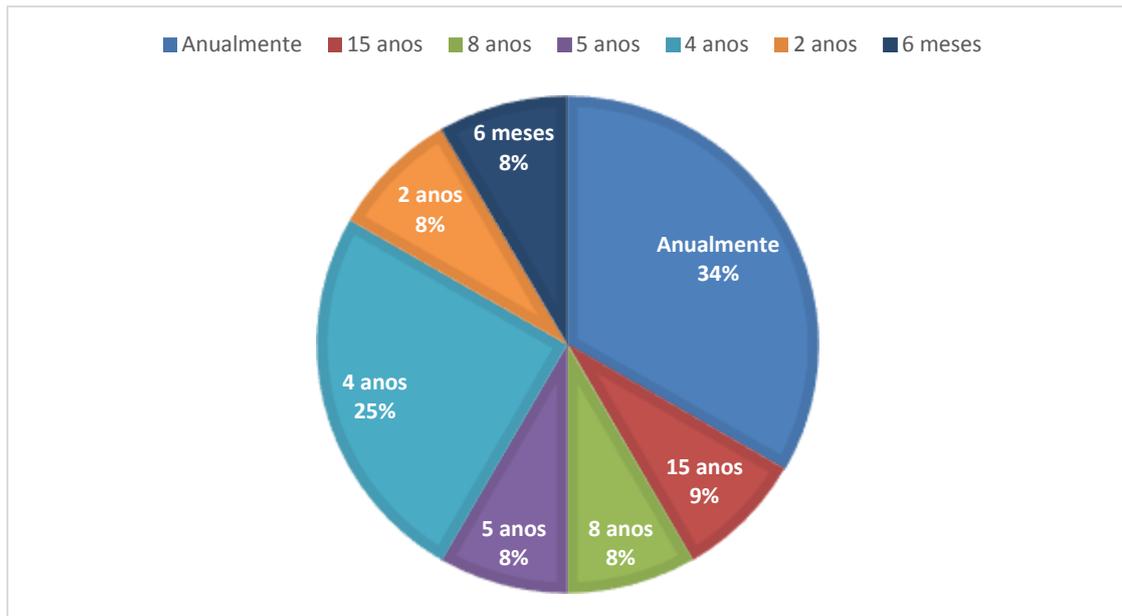
“Não tem dúvida, há trinta e poucos anos atrás eu ia dizer que não, mas hoje eu digo” (A47, 55 anos, DLB).

Além da referência de desconfortos pelos agricultores, obtiveram-se também relatos da presença de malefícios aos seus familiares, diante do convívio e trabalho com agrotóxicos, os quais desenvolveram sinais e sintomas semelhantes como: cefaleia (07), êmese (05), náusea (02), vertigens (02) e prostração (02), o que contribuiu para restrição ao leito (01).

Dos Reis et al. (2017) afirmam que mão de obra familiar está interligada com o cultivo do tabaco, devido a ser um trabalho que necessita de várias pessoas para o cultivo, o que beneficia uma renda maior aos familiares, por outro lado, pode trazer problemas à saúde, pois a família está exposta a inúmeros agrotóxicos, tanto de forma direta como indireta.

Convém destacar que os familiares referiram que em relação à frequência do surgimento dessas alterações orgânicas, o maior tempo foi de 15 anos e o menor de seis meses, conforme o gráfico 3, abaixo:

Gráfico 3 - Tempo de exposição aos agrotóxicos por familiares de produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2



Fonte: Elaborado pela autora.

Visualiza-se no gráfico acima, a frequência com que os familiares dos agricultores apresentaram algum sintoma, tendo maior presença anualmente, seguindo de há quatro anos.

Conforme Reis et al. (2017) os principais sintomas após o contato direto ou indireto com agrotóxicos, podem ser desde uma indisposição, cefaleia, vertigens, gastralgia, problemas na pele, além de poder evoluir para um câncer.

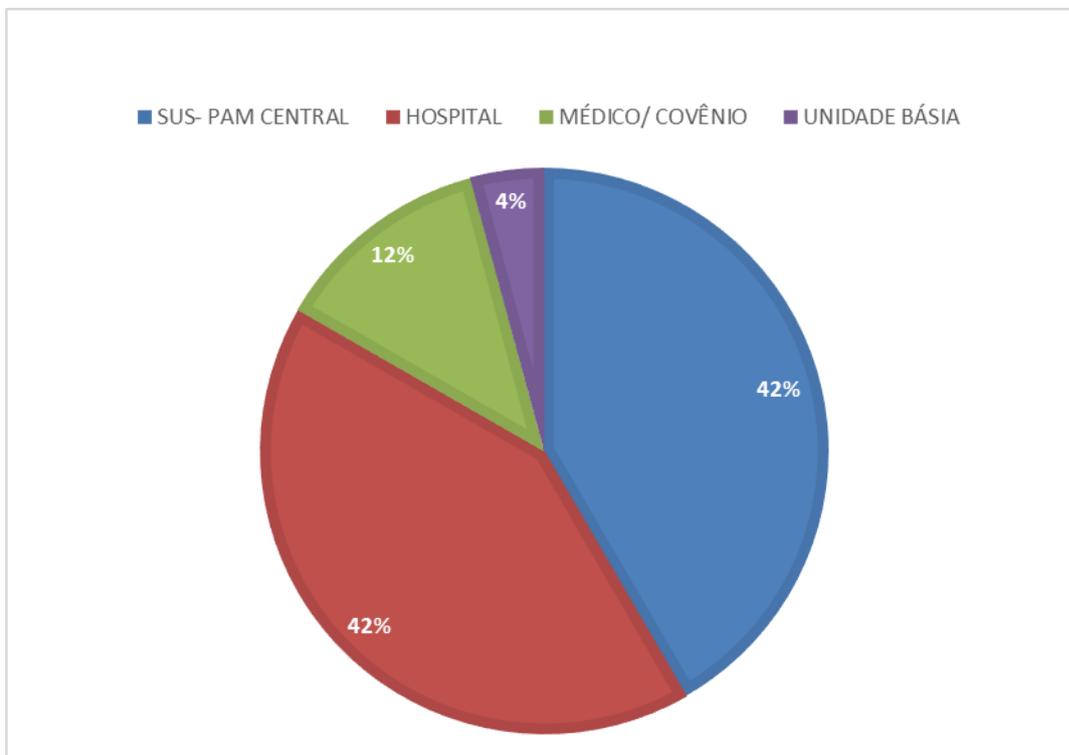
Diante dos inúmeros problemas que a exposição aos agrotóxicos pode trazer aos agricultores, houve o questionamento de que se fosse necessário o agricultor recorrerem a algum serviço de saúde, qual seria este serviço e, apenas um agricultor referiu não procurar nenhuma ajuda, mesmo sendo muito necessário. Os outros 17 participantes responderam que procuravam os serviços oferecidos na região, o que pode ser analisado em algumas falas a seguir:

“Sim, já fiz até uma tomografia achando que era outra coisa, mas era do veneno mesmo, no SUS” (A10, 42 anos, DVU).

“Não, nenhum” (A4, 25 ANOS, DS).

Pode ser notado que há preocupação com a saúde para a maioria dos produtores e para a minoria não há nenhuma preocupação, os serviços que foram referidos na pesquisa estão expostos no gráfico a seguir, seguido da porcentagem de usuários que as referiram.

Gráfico 4 - Serviços de saúde utilizados pelos produtores de tabaco em Candelária, Rio Grande do Sul, 2018/2



Fonte: Elaborado pela autora.

As ações que promovem vigilância aos trabalhadores expostos à agrotóxicos devem ser priorizadas nos programas de promoção à saúde, criando laboratórios que analisam a toxicidade que o agricultor está exposto, bem como haver a aprimoração dos serviços que atendem este tipo de população, tanto nas unidades de saúde, como em hospitais. Além disso, é necessário que haja uma fiscalização mais prudente, que fique atento para todos os possíveis agravos que o agricultor está exposto, bem como conscientizar o fumicultor sobre respeitar o período que

não deve se expor após a aplicação de agrotóxicos, e a diminuição destes agentes químicos em seu meio de trabalho (NEVES; BELLINI, 2013).

BRASIL (2009) afirma que o nosso país conta com o sistema nacional de informações tóxico-farmacológicas (SINTOX) que tem como objetivo analisar, compilar e divulgar informações referentes à intoxicações por agrotóxicos em todo o país, tendo em vista que para esta informação ser repassada a nível nacional, o enfermeiro responsável pelo atendimento ao paciente intoxicado deve realizar a notificação por meio do sistema de informação de agravos de notificação (SINAN).

Diante disso, é evidente a preocupação dos agricultores com a sua saúde quando adoecem, porém, o que mais preocupa é a exposição destes trabalhadores aos agrotóxicos, sem apresentar nenhum sintoma de intoxicação, ou o reconhecimento dos agricultores frente ao seu adoecimento no trabalho, a sua contaminação e até mesmo a contaminação do meio em que vivem.

6.5 Formas de cuidado em saúde ambiental e humana

Mediante a necessidade de haver um cuidado em saúde humano ou ao meio ambiente frente ao uso de agrotóxicos, todos os agricultores referiram esta atenção, enfatizando que os descuidos que se tem com o meio ambiente atualmente, prejudicarão o meio ambiente no futuro, o que é constado nas falas abaixo:

“Sim, porque é tudo, se nós estamos com o ar poluído, a água envenenada, eu sou muito contra, pode passar em todas as minhas lavouras e ver se tem um litro de veneno, eu recolho e entrego, eu tenho tudo guardado na pasta que posso provar”. (A14, 55 anos, DLB).

Giongo, Mendes e Santos (2015) afirmam que os problemas ambientais interferem no processo saúde-doença diante do uso de produtos tóxicos nas lavouras, o que faz com que os moradores das regiões afetadas se sintam diretamente prejudicados, angustiados e amedrontados.

Estimular o diálogo com os agricultores, entender as suas dificuldades e formas de cuidar da saúde, seja ela humana ou do meio em que se vivem, eleva a atenção para com o outro. Por isso, a presente pesquisa buscou oportunizar um momento de questionamentos sobre o tema, o que desejavam saber, esclarecer.

“Eu passo mal quando colho fumo molhado, isso eu queria saber do que vinha isso, isso é praticamente esses 30 anos que eu trabalho no fumo, se eu colho fumo molhado ou eu paro no hospital, ou quase isso, sinto ânsia de vômito, tremor, só que daí faço chá, tomo uns remédios esse buscopam, drammin, depois que uso essa medicação não dá mais tanto”. (A13, 39 anos, DS)

“Bah isso é uma boa pergunta, seria interessante se o cara soubesse qual o mal que esses venenos todos fazem, se tem alguma reação também”. (A5, 35 anos, DP).

Lopes e Albuquerque (2018) afirmam que os agrotóxicos interferem diretamente na vida de todos os seres humanos, quando aplicados indevidamente contaminam água, ar e solo, interferindo negativamente na saúde ambiental e humana.

Neste contexto, o trabalhador rural está sendo afetado pelo uso de agrotóxicos diretamente, causando efeitos a curto ou a longo prazo, mas para que isso diminua ou cesse, é extremamente necessário que haja a conscientização por parte dos agricultores para que sua saúde e o meio em que vivem seja mantido nas melhores formas possíveis (CASSAL et al., 2014).

É importante salientar que a maioria dos agricultores entrevistados apresentou interesse em obter mais momentos de diálogos sobre os cuidados em saúde, o que será vinculado com um dos objetivos da pesquisa, fundamentando-os cientificamente, tornando o cuidar, uma ação mais segura por parte dos participantes da pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrer todos os distritos do município foi essencial para conhecer as diferentes formas de cuidar em saúde diante do trabalho dos agricultores de tabaco que fazem uso de agrotóxicos. A maior dificuldade encontrada foi que o interior do município é extremamente grande, e como em setembro é um período que os agricultores se encontram na lavoura de tabaco, os horários para os encontrar em casa tiveram que ser bem cedo da manhã ou mais ao entardecer. Por outro lado, a receptividade dos agricultores foi algo muito importante para prosseguir com a pesquisa, apesar de que as vezes, alguns agricultores demonstravam um pouco de insegurança ou medo, pois achavam que algumas respostas poderiam os prejudicar. Mas durante a realização dos questionamentos e a explicação de que seria interessante para entender como é realizado os cuidados em saúde pelos agricultores, houve uma credibilidade.

Os agricultores entrevistados foram em maioria do sexo masculino, com ensino fundamental incompleto, gostavam de trabalhar neste ramo e cultivavam tabaco no mínimo há doze anos. Referiam que era necessário a aplicação de agrotóxicos no cultivo do tabaco, e sabiam da importância da utilização de EPIs, porém não se sentiam confortáveis no uso de todos ao mesmo tempo, o que os levava a utilizá-los parcialmente ou não usar.

O sintoma mais frequente após a aplicação de agrotóxicos nos agricultores e em seus familiares foi a cefaleia, entretanto os agricultores procuravam a unidade de saúde de referência se necessário, quando se tratava de algum problema recorrente à intoxicação por agrotóxicos.

O cuidado em saúde dos agricultores era algo muito relevante, pois eles sabiam da necessidade de manter alguns cuidados para não ocorrer as intoxicações, contudo, o uso de EPIs era feito conforme eles julgavam necessário, ou seja, se oferecessem desconforto, eram excluídos do uso.

A relação entre a aplicação de agrotóxicos e a saúde ambiental era vista pelos agricultores, entretanto haviam descuidos para com ela, devido haver a preocupação de poluição ambiental, mas não existe a possibilidade de deixar de utilizar os agrotóxicos, o que os levava a pensar que estavam prejudicando o meio.

Candelária é um município pequeno, porém é uma cidade que a população cultiva muito tabaco, por isso, a necessidade da pesquisa ocorrer no município, entretanto, uma limitação da pesquisa foi não realizar com todos os agricultores que usam agrotóxicos.

Desta forma, ampliar o número de participantes ou viabilizar outras pesquisas sobre o tema só vem a conscientizar o público envolvido do quanto é necessário cuidar da saúde, atentando para a utilização de EPIs na aplicação de agrotóxicos, apoiando-se às orientações científicas frente ao uso dos produtos, buscando treinamentos ou atualizações e viabilizando informações dos sinais e sintomas que apresentam junto aos serviços de saúde do município, para que as notificações sejam feitas e a assistência em saúde prestada.

REFERÊNCIAS

- AFUBRA. Associação dos fumicultores do Brasil. *Perfil do fumicultor*. 2018. Disponível em: <<https://afubra.com.br/perfil-fumicultor.html#tab-estrutura-familiar>>. Acesso em: 15 Mai. 2018.
- ASCARI, R.A.; SCHEID, M.; KESSLER, M. Fumicultura e a utilização de agrotóxicos: riscos e proteção da saúde. *Revista contexto & saúde*. Ijuí. v. 12 n. 23 p.41-50. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1840/253>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016. 282p.
- BASSAN, D.S.; SIEDENBERG, D.R. *Desenvolvimento desigual na região do vale do Rio Pardo*. v. 8, n. 1, p. 121-150, jan./ abr. 2003. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/10938/pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.
- BRASIL. *Boletim Informativo do Núcleo de Telessaúde de Santa Catarina*. Ed. 33. Abril, 2015. Disponível em: <http://telessaude.ufsc.br/principal/wp-content/uploads/2017/01/Abril_2015.pdf>. Acesso em 26 abr. 2018.
- _____. *Lei no 9.974, de 6 de junho de 2000*. Altera a Lei no 7.802, de 11 de julho de 1989. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 6 jun. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9974.htm>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- _____. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). *A interferência da indústria do tabaco: apresentação e orientações técnicas*. Rio de Janeiro: MS, 2012. Disponível em: <<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/3ff7fd8047dc399a8257cf9ba9e4feaf/manual-31maio-2012.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=3ff7fd8047dc399a8257cf9ba9e4feaf>>. Acesso em 31 out. 2018.
- _____. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). *Observatório nacional da política nacional de controle de tabaco*. 2018. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/status_politica/fumicultura_e_saude+>. Acesso em 15 nov. 2018.
- _____. Ministério do trabalho. *NR 31- Segurança e saúde no trabalho na agricultura, pecuária silvicultura, exploração florestal e aquicultura*. 2013. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR31.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

_____. Ministério da saúde. Relatório Nacional de Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos. 2018. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_nacional_vigilancia_populacoes_expostas_agrotoxicos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

_____. Ministério da saúde. *Relatório Nacional de Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos*. 2017. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_vigilancia_populacoes_expostas_agrotoxicos.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

_____. Ministério da saúde. *Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas*. 2009. Disponível em: <<https://sinitox.ict.fiocruz.br/miss%C3%A3o>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

BOCHNER, R. Óbito ocupacional por exposição a agrotóxicos utilizado como evento sentinela: quando pouco significa muito. *Revista visa em debate*. 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/18112/2/ve_Bochner_Rosany_ICICT_2015.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CARGNIN, M.C.S. ECHER, I.C.; SILVA, D.R. *Fumicultura: uso de equipamento de proteção individual e intoxicação por agrotóxico*. *Revista cuidado é fundamental*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 466-472, 2017. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5444/pdf_1>. Acesso em: 16 mar. 2018.

CARGNIN, M.C.S. et al. Cultura do tabaco versus saúde dos fumicultores. *Revista Texto Contexto Enfermagem*, Rio Grande do Sul, v.25, n.2, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n2/0104-0707-tce-25-02-2940014.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

CASSAL, V. B. et al. Agrotóxicos: uma revisão de suas consequências para a saúde pública. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - REGET*. v. 18 n. 1. p.437-445, abril 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/download/12498/pdf>>. Acesso em 20 nov. 2018.

CÓRDULA, E.B.L. Fenomenologia versus positivismo científico: metodologias aplicadas às pesquisas em comunidades humanas. *Revista Intersaberes*, v. 10, n. 21, p. 660-675, 2015. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/viewFile/617/523>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

DA SILVEIRA, R. L. L. A cultura do tabaco na Região Sul do Brasil: dinâmica de produção, organização espacial e características socioeconômicas. *Geografia, ensino & pesquisa*, v. 19, n. 2 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/13087/pdf>>. Disponível em: Acesso em: 21 mai. 2018.

DE CASTRO, L. S. P.; MONTEIRO, J. K. *Saúde no trabalho de fumicultores do RS: não adoce somente quem fuma, mas também quem planta*. *Psicologia em Revista*,

Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 790-813, dez. 2016. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n3/v22n3a15.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

DE PAULA, A. T. K.; KLANOVICZ, J. *A visão dos fumicultores sobre o trabalho infantil: um estudo a partir da história oral*. II Congresso Internacional de História UEPG/UNICENTRO, Paraná, mai. 2015. Disponível em:
<http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1436360653_ARQUIVO_AVISAODOSFUMICULTORESSOBREOTRABALHOINFANTIL.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

DOS REIS, M.M. et al. *Conhecimentos, atitudes e práticas de agricultoras sobre o processo de produção de tabaco em um município da Região Sul do Brasil*. *Cad. Saúde Pública*, v. 33, supl. 3, 2017. Disponível em:
<https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/asset/s/csp/v33s3/1678-4464-csp-33-s3-e00080516.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FARIA, N. M. X. et al. *Intoxicação por agrotóxicos no Brasil: os sistemas oficiais de Informação e desafios para realização de estudos epidemiológicos*. *Ciência & Saúde Coletiva*, pág.25-38. 2007. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n1/04.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

GERHARDT, T.E.; SOUZA, A.C. *Métodos de pesquisa*. Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GIONGO, C.R., MENDES, J.M.R., SANTOS, F.K. *Desenvolvimento, saúde e meio ambiente: contradições na construção de hidrelétricas*. *Serviço social & sociedade*, São Paulo, n. 123, p. 501-522, jul./set. 2015. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n123/0101-6628-sssoc-123-0501.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População estimada de Candelária*. 2017. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/candelaria/panorama>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

LONDRES, F. *Agrotóxicos no Brasil: um guia para ação em defesa da vida*. Rio de Janeiro. 1. ed. 2011. Disponível em:
<<http://antigo.contraosagrotoxicos.org/index.php/materiais/estudo/agrotoxicos-no-brasil-um-guia-em-defesa-da-vida/detail>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

LOPES, C. V. A.; ALBUQUERQUE, G. S. C. Agrotóxicos e seus impactos na saúde humana e ambiental: uma revisão sistemática. *Saúde e debate*. Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p. 518-534, abril-jun 2018. Disponível em:
<<https://scielosp.org/pdf/sdeb/2018.v42n117/518-534/pt>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MARTIN, R. *Divisão distrital*. Candelária. 07 de julho de 2013. Disponível em:
<<http://www.candelaria.rs.gov.br/cliente/leis/distrital.jpg>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

- MURAKAMI, Y. et al. Intoxicação crônica por agrotóxicos em fumicultores. *Saúde e Debate*, Rio De Janeiro, v. 41, n. 113, p. 563-576, abr./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v41n113/0103-1104-sdeb-41-113-0563.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2018.
- NEVES P. D. M, BELLINI M. Intoxicações por agrotóxicos na mesorregião norte central paranaense, Brasil – 2002 a 2011. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 11, p. 3147-3156, 2013. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csc/2013.v18n11/3147-3156/pt>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- NUNES, G. C. Uso do EPI – Equipamentos de Proteção Individual nas pequenas propriedades rurais produtoras de fumo no município de Jacinto Machado – SC. Monografia. Santa Catarina. Criciúma, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/822/1/Gezziano%20C%C3%B3rdova%20Nunes.pdf>. Acesso em: 22. Maio. 2018
- PEROVANO, D. G. Manual de metodologia da pesquisa científica. Curitiba: Editora Intersaberes, 2016. Disponível em: <<http://unisc.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788559720211/pages/5>> Acesso em: 26 abr. 2018.
- REDIN, E., MENEZES, D. J. Análise da produção de tabaco no território centro serra – Rio Grande do Sul (1991 – 2010). *Revista de biologia e ciências da terra*, v. 14. n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/zeque/2014redin-e-menezes-anlise-da-produo-de-tabaco-no-territrio-centro-serra-rs>>. Acesso em: 22 mai. 2018.
- RIO GRANDE DO SUL. Ministro da Agricultura negocia acesso de fumicultores a crédito do Pronaf. 2016 Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/ministro-da-agricultura-negocia-acesso-de-fumicultores-a-credito-do-pronaf>. Acesso em 222.Maio. 2018.
- RIQUINHO, D. L.; HENNINGTON, E.A. Diversificação agrícola em localidade rural do Sul do Brasil: reflexões e alternativas de cumprimento da Convenção-Quadro para o controle do tabaco. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n 1, p. 183-207, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v24n1/0103-7331-physis-24-01-00183.pdf>> Acesso em: 16 mar. 2018.
- RODRIGUES, A. H.; STADLER, S. T.; XAVIER, C. R. A saúde e seus significados para famílias fumicultoras da região de Irati (PR): contingências e contradições. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111, p. 220-229, out-dez 2016. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/sdeb/2016.v40n111/220-229/pt>>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- SANTOS, A.O.; BORGES-PALUCH, L. R.; CERQUEIRA, T. P. S.; TELES, A. L. B. utilização de equipamentos de proteção individual e agrotóxicos por agricultores de município do recôncavo baiano. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 15, n. 1, p.738-754, jan./jul. 2017. Disponível

em:<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/3309>. Acesso em 20.nov.2018

SCHOENHALS, M.; FOLLADOR, F. A. C.; DA SILVA, C. Análise dos impactos da fumicultura sobre o meio ambiente, à saúde dos fumicultores e iniciativas de gestão ambiental na indústria do tabaco. *Engenharia Ambiental*, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 2, p. 16-37, mai-ago 2009.

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Trabalhador na aplicação de agrotóxicos. 2014. Disponível em: <http://www.senar.org.br/sites/default/files/ep_aplicacao_de_agrotoxico_2014.pdf>. Acesso em 07.nov. 2018

SILVA, J. B. et al. Fumicultores da zona rural de Pelotas (RS), no Brasil: exposição ocupacional e a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI). *Saúde em Debate*. Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 347-353, abr./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sdeb/2013.v37n97/347-353/pt/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SILVEIRA, Kethleen Rodrigues Kruger da. A diversificação produtiva em áreas de tabaco - microrregião geográfica de Santa Cruz do Sul. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/822/1/Gezziano%20C%C3%B3rdova%20Nunes.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

SILVEIRA, R.L.L., DORNELLES, M., FERRARI, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do território. *Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*. V. 17, n. 987, agosto 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-987.htm>>. Acesso em 21 mai. 2018.

SINDITABACO. *Origem do tabaco*. 2017a. Disponível em: <<http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/origem-do-tabaco/>>. Acesso em: 20 mai. 2018.

SINDITABACO. *Tipos de tabaco*. 2017b. Disponível em: <<http://www.sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/tipos-de-tabaco/>>. Acesso em 10 jun. 2018.

SOUZA CRUZ. *Tipos de tabaco*. 2017. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DOAH9G53>. Acesso em: 10 jun. 2018.

STOPPELLI, I. M. S. B., MAGALHAES, C. P. Saúde e segurança alimentar: a questão dos agrotóxicos. *Ciência & saúde coletiva* [online], v. 10, suppl. p. 91-100, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000500012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2018.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220. 2014. Disponível

em:

<<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637+&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ZORZETTI, J. et al. Conhecimento sobre a utilização segura de agrotóxicos por agricultores da mesorregião do Norte Central do Paraná. *Semina: Ciências Agrárias*, Londrina, v. 35, n. 4, suplemento, p. 2415-2428, 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/semagrarias/article/download/16341/15511>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

APÊNDICE A – Instrumento para coleta de dados

Data: ____/____/2018

Identificação do participante (A1, XX anos, DX): _____

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Escolaridade

() Analfabeto () Ensino Médio Completo

() Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Superior Incompleto

() Ensino Fundamental Completo () Ensino Superior Completo

() Ensino Médio Incompleto

3. Há quanto tempo você cultiva tabaco (anos)? _____

4. Gosta de cultivar tabaco? () Sim () Não. Por que? _____

5. Você sempre utilizou agrotóxicos no cultivo do tabaco? () Sim () Não. Se sim, há quanto tempo? _____

6. Para você, é necessária a utilização de agrotóxicos nesse cultivo?

() Sim () Não. Porque? Quais? _____

7. Quando você vai utilizar os agrotóxicos, recorre à algum equipamento para a sua proteção?

() Bota de Borracha () Óculos () Avental () Luva () Calça

() Camisa () Touca Árabe () Viseira () Outro. _____

8. Você recebe alguma orientação quanto à utilização de agrotóxicos?

() Sim () Não

8.1. Se sim, de quanto em quanto tempo é feita a orientação e por quem? _____

9. Quais são as principais recomendações que você recebe sobre a aplicação de agrotóxicos? _____

10. Você já sentiu algum desconforto durante o uso de agrotóxicos?

() Sim () Não

10.1 Se sim, o que sentiu? Há quanto tempo (anos/meses) faz isso? _____

11. Alguém da sua família já sentiu algum desconforto por agrotóxicos?

() Sim () Não

11.1. Se sim, o que sentiu? Há quanto tempo (anos/meses) faz isso? _____

12. Você acredita que há alguma relação entre o uso de agrotóxicos pelo agricultor e o seu adoecimento? _____

13. Quando você adoece, recorre a algum serviço de saúde? Qual? _____

14. Para você, a saúde do ambiente tem relação com a saúde humana? _____

15. Para você, cuidar do meio ambiente é uma forma de cuidar da sua saúde?

16. Sobre quais assuntos você gostaria de ter mais informações para cuidar da sua saúde? _____

APÊNDICE B – Folder ilustrativo disponibilizado para os agricultores participantes da pesquisa

O USO DE AGROTÓXICOS POR PRODUTORES DE TABACO E AS FORMAS DE CUIDADO EM SAÚDE



Imagem extraída do site <http://contraosagrototoxicos.org>

Agrotóxicos são produtos com alta toxicidade utilizados no cultivo do tabaco com a finalidade de manter a lavoura íntegra e sem pragas. Para o manuseio e a aplicação há necessidade da utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para diminuir a absorção e a exposição deste produto, porém a inutilização destes equipamentos, contribui para as intoxicações por agrotóxicos¹.

Quanto maior o tempo exposto aos agrotóxicos, maior o potencial para desenvolver doenças nos sistemas neurológico, renal, hepático, imunológico, respiratório e endócrino, podendo adquirir também doenças cancerígenas².

OS SINTOMAS DE INTOXICAÇÃO MAIS FREQUENTES ENTRE OS FUMICULTORES:

- Dor de cabeça;
- Cansaço;
- Vômito;
- Tontura;
- Enjoo;
- Tremores.

PRINCIPAIS FORMAS DE CUIDADO EM SAÚDE:

- ✓ Utilização de todos os equipamentos de Proteção Individual no manuseio e aplicação de agrotóxicos;
- ✓ Ler as orientações que são passadas frente ao uso dos produtos;
- ✓ Buscar treinamentos ou atualizações sobre o cultivo do tabaco e o uso de agrotóxicos;
- ✓ Atentar para os sinais e sintomas de intoxicação por agrotóxicos e procurar a unidade de saúde de referência;
- ✓ Não trabalhar com agrotóxicos diante de dúvidas.

REFERÊNCIAS:

1. NUNES, G. C. Uso do EPI – Equipamentos de Proteção Individual nas pequenas propriedades rurais produtoras de fumo no município de Jacinto Machado – SC. Monografia. Santa Catarina. Criciúma, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/822/1/Gezziano%20%C3%B3rdova%20Nunes.pdf>. Acesso em: 27. Nov. 2018
- 2 MURAKAMI, Y. et al. Intoxicação crônica por agrotóxicos em fumicultores. Saúde Debate, Rio De Janeiro, v. 41, n. 113, p. 563-576, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v41n113/0103-1104-sdeb-41-113-0563.pdf> Acesso em: 27. Nov. 2018

Autora: Aline Ellwanger.

Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UNISC.

Orientação: Profª Anelise Miritz Borges.

Docente do Curso de Enfermagem/UNISC.



UNISC
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

ANEXO A- Carta de aceite de instituição parceira

Santa Cruz do Sul, 13 de Junho de 2018.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de pesquisa intitulado: "O uso de agrotóxicos por produtores de tabaco e as formas de cuidado em saúde", desenvolvido pela acadêmica Aline Ellwanger do Curso de Enfermagem, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação da professora Anelise Miritz Borges, cujo objetivo é Compreender como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente ao cultivo de tabaco com agrotóxico, e a metodologia configura-se em qualitativa, de caráter exploratório e descritiva. Logo, autorizamos o desenvolvimento no interior do município de Candelária, Rio Grande do Sul com produtores de tabaco

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

Atenciosamente,

DIONATAN TAVARES DA SILVA
SEC. MUNICIPAL
DE ADMINISTRAÇÃO

Dionatan Tavares da Silva

Secretário Municipal de Agricultura, Meio-Ambiente e Pesca

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O USO DE AGROTÓXICOS POR PRODUTORES DE TABACO E AS FORMAS DE CUIDADO EM SAÚDE

Prezado senhor/Prezada senhora

O senhor/A senhora está sendo convidado (a) para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado O uso de agrotóxicos por produtores de tabaco e as formas de cuidado em saúde. Esse projeto é desenvolvido por estudante e professora do Curso de Enfermagem da Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, e é importante porque pretende compreender como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente ao cultivo de tabaco com agrotóxico. Para que isso se concretize, o senhor/a senhora será contatado (a) pelos pesquisadores para averiguar possíveis formas de cuidados em saúde para a prevenção de possíveis intoxicações por agrotóxicos, por meio de entrevista semiestruturada, delineada qualitativamente. Nessa condição, é possível que alguns desconfortos aconteçam, como é o caso de que o sujeito pesquisado se sinta constrangido em responder alguns questionamentos sobre o seu trabalho, ou tenha que abrir mão do seu trabalho para responder a pesquisa. Por outro lado, se o senhor/a senhora aceitar participar dessa pesquisa, benefícios futuros para a área da agricultura poderão acontecer, tais como: Será disponibilizado aos fumicultores, participantes desta pesquisa, folder ilustrativo e explicativo, contendo as principais formas de cuidado em saúde relacionadas ao uso de agrotóxicos, bem como as manifestações sintomáticas frente à esta atividade laboral. Para participar dessa pesquisa o senhor/a senhora não terão nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer outra natureza.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado(a):

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;

- c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é Anelise Miritz Borges, Telefone: (51) 3717-7469.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: (051) 3717- 7680.

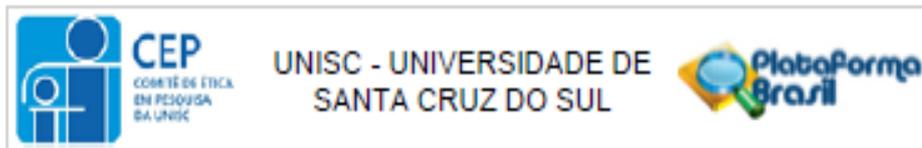
Candelária, Rio Grande do Sul.

Data __ / __ / ____

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável
pela obtenção do
presente consentimento

ANEXO C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O uso de agrotóxicos por produtores de tabaco e as formas de cuidado em saúde

Pesquisador: Anelise Miritz Borges

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 93994218.0.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.834.680

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritiva, a ser conduzida no município de Candelária, situado no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. A coleta de dados será feita com três agricultores por distrito, onde há um número total de seis distritos na cidade, totalizando 18 participantes. Para a coleta de dados será realizada entrevista, utilizando um questionário semiestruturado que será gravado e aplicado individualmente. A Análise de dados se fundamentará pela Análise de Conteúdo por temas de Bardin.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender como os agricultores realizam o cuidado de sua saúde frente ao cultivo de tabaco com agrotóxico.

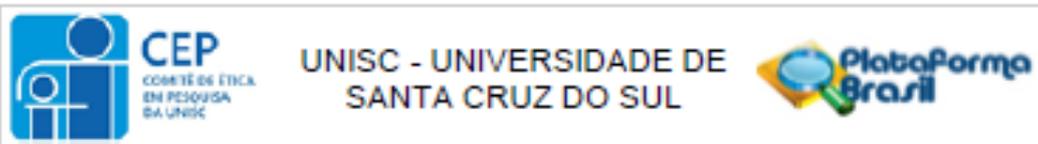
Objetivo Secundário: Disponibilizar aos fumicultores, participantes desta pesquisa, mediante folder ilustrativo e explicativo, as principais formas de cuidado em saúde relacionadas ao uso de agrotóxicos, bem como as manifestações sintomáticas frente à esta atividade laboral.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: É possível que alguns desconfortos aconteçam, como é o caso de que o sujeito pesquisado sinta-se constrangido em responder alguns questionamentos sobre o seu trabalho, ou tenha que abrir mão do seu trabalho para responder a pesquisa.

Benefícios: Benefícios futuros para a área da agricultura poderão acontecer, tais como: Será

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco B, sala 803
 Bairro: Universitário CEP: 96.815-000
 UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
 Telefone: (51)3717-7880 E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 2.034.000

disponibilizado aos fumicultores, participantes desta pesquisa, folder ilustrativo e explicativo, contendo as principais formas de cuidado em saúde relacionadas ao uso de agrotóxicos, bem como as manifestações sintomáticas frente à esta atividade laboral.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bem delimitada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos obrigatórios presentes

Foi ajustado o cronograma e colocado os riscos no projeto original.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

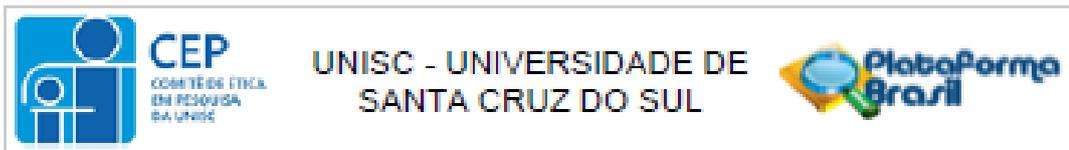
Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado e em condições de ser executado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1165961.pdf	13/08/2018 09:58:54		Aceito
Outros	Pendencia.pdf	13/08/2018 09:58:13	Anelise Mirtz Borges	Aceito
Cronograma	Cronograma1.pdf	13/08/2018 09:49:53	Anelise Mirtz Borges	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TC1.pdf	13/08/2018 09:49:29	Anelise Mirtz Borges	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Instituicao.pdf	09/08/2018 21:09:18	Anelise Mirtz Borges	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/08/2018 21:05:17	Anelise Mirtz Borges	Aceito
Orçamento	Orcament.pdf	09/08/2018 21:03:35	Anelise Mirtz Borges	Aceito

Endereço: Av. Independência, nº 2203 -Bloco 6, sala 603
 Bairro: Universitário CEP: 96.815-000
 UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
 Telefone: (51)3717-7880 E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 2.024.000

Declaração de Pesquisadores	Carta.pdf	09/08/2018 21:02:31	Anelise Mirtz Borges	Acelto
Folha de Rosto	Folha.pdf	28/06/2018 10:18:01	Anelise Mirtz Borges	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 21 de Agosto de 2018

Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador)

Endereço: Av. Independência, nº 2203 -Bloco B, sala 803
 Bairro: Universitário CEP: 96.815-000
 UF: RS Município: SANTA CRUZ DO SUL
 Telefone: (51)3717-7880 E-mail: cep@unisc.br